

# SISTEMATIZAÇÃO DIDÁTICA COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO: UMA CONCEPÇÃO INTRODUTÓRIA PARA RESSIGNIFICAR A PRÁXIS DOCENTE<sup>1</sup>

Ana Verena Carvalho e Rita de Cássia Almeida Santos<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investigativo surgiu a partir do exercício de observação da prática docente que fizemos no Colégio Estadual da Bahia – Central, como requisito da prática de Estágio Supervisionado das disciplinas Metodologia e Prática do Ensino I e II, do curso de História da Universidade Católica do Salvador, bem como das experiências vividas como monitoras do Programa de Educação e Cidadania para Jovens e Adultos, da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, desta mesma Universidade. Esta atividade contou com a orientação do Professor Carlos Augusto Lima Ferreira.

Entendemos, porém, que esta experiência de estudo e pesquisa – referente à sistematização crítica da prática pedagógica, a partir das observações em salas de aula – extrapola o programa de tais disciplinas educativas. Serve não apenas como cumprimento finalizante de uma trajetória na graduação, na medida em que propõe uma observação participante como instrumento para refletir a práxis universitária, mas também se estendendo para além disto, colocando-se, para nós, como um pensar contínuo sobre o fazer docente. Percebemos, pois, que **o problema maior não está no fazer, mas no pensar sobre o fazer**, porque, no nosso fazer, está presente uma prática arrastada por nossas condições objetivas, e, infelizmente, a maioria dos professores não se apercebe como vítima do próprio sistema. Assim, sendo educador, termina-se colaborando com aquilo que deveria criticar, junto com os alunos.

O exercício da observação nos proporciona olhar para este fazer de forma mais minuciosa, uma vez que estamos, neste momento, como um professor-observador – relativamente distanciado da prática docente no que se refere à regência – e podemos, desta forma, enxergar detalhes que o professor regente não conseguiria do lugar de onde se encontra, o que enriquece nossa investigação.

Isto não quer dizer que a prática da observação só possa ser realizada pelo observador, até porque o professor que se entende construtivista deve, após as suas aulas, registrá-las – já que a escrita nos dá a possibilidade de, sempre que possível, retornar ao que foi realizado, a fim de apurá-lo, com o intuito de reconstruir cada vez melhor ou reconsiderar situações que foram favoráveis.

É, na verdade, buscar, na prática e por ela, o respaldo para uma outra proposta de ensino-aprendizagem coerente com a nossa concepção político-pedagógica. O fazer pedagógico precisa se tornar crítico, ou seja, estamos necessitando refletir criticamente sobre a nossa prática e, neste sentido, pensamos que a sistematização aliada à observação participante seja um dos possíveis caminhos para sedimentar a aprendizagem e a formação integradora.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho se constituiu a partir da observação de campo, trazendo elementos que contribuem para a revisão da práxis docente. Essa observação acontece nos espaços onde são ministradas as aulas. O observador participa do processo ensino-aprendizagem, percebendo os territórios e os diálogos que acontecem no espaço da sala de aula. Em alguns espaços, com autorização prévia dos coordenadores e

---

<sup>1</sup> Relato de atividade de extensão desenvolvida sob a orientação do Professor Carlos Augusto Lima Ferreira, do Departamento de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal, Mestre em Inovação e Sistema Educativo e Doutorando em Educação pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

professores das escolas, é possível a participação nas aulas, com um especial cuidado para não interferir na dinâmica das mesmas, pois este não é o objetivo da observação. Não cabe colocar o professor regente em situação difícil. Por isto, a presença do observador deve ser bem entendida por ele, e este precisa esclarecê-la para os alunos, pois ambos devem percebê-lo como um colaborador. E isto só é possível se o professor regente tiver como proposta pedagógica a construção contínua do saber.

Nós registramos as aulas, seqüencialmente, em um caderno, procurando perceber a forma como o professor abordou os conteúdos escolhidos, como se comportaram os alunos diante dos mesmos, que tipo de provocação foi feita e se a dinâmica atingiu a maioria da sala, bem como exerceu-se a análise das mais diversas situações e falas que podem acontecer no ambiente da sala de aula.

É propósito dessa atividade, também, perceber as inferências e intervenções de alunos, e como o professor aproveita essas contribuições, ou melhor, como interage com o tema da aula e com os alunos; como lida com a proposta de avaliação – se a pretende inclusiva ou se adquire posturas autoritárias e ameaçadoras.

Após os registros das aulas, semanalmente, em reuniões pedagógicas, discutimos coletivamente e avaliamos junto com os professores todas as observações realizadas durante o percurso das aulas. Esclarecemos que essa socialização das observações só foi possível no *Programa de Educação e Cidadania para Jovens e Adultos da UCSAL*, pois esta é a proposta da sistematização das aulas pelo observador neste Programa.

No Colégio Estadual da Bahia – Central, o trabalho realizado não pôde ser discutido com os professores regentes observados, pois esta não é a proposta da observação no Estágio Supervisionado, nem do respectivo colégio. No entanto, todo o material compilado serviu para discussões nas disciplinas com as quais o estágio está vinculado, como forma de discussão crítica com os colegas, para a nossa formação acadêmica.

### **3. DA SISTEMATIZAÇÃO À OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

Existem dados que acreditamos ser detectados apenas a partir de uma leitura crítica e perspicaz da realidade em sala de aula. Para essa compreensão, temos que pensar o que é a concepção construtivista da práxis docente. Na concepção construtivista, temos o professor enquanto mediador da aprendizagem; aquele que facilita para o aluno a construção de um conhecimento que lhe possibilite compreender-se como um ser social e transformador, capaz de gerenciar suas escolhas de forma crítica e consciente.

Isto só se torna possível se o docente estiver disposto à mediação, já que ele está inserido em uma cultura educacional excludente e perversa. Torna-se necessário que ele, o docente, busque metodologias e posturas muitas vezes inacabadas, mas metodologias que representem uma tentativa constante de alcance de uma relação pedagógica coerente com o contexto, os limites e os alcances do educando. Apenas nessa busca é que se conquista o “estar sendo construtivista”, ou seja, a práxis de um professor construtivista e comprometido com os alunos. É justamente nesta busca que encontramos a importância da sistematização; ela, ao passo que permite historiar, registrar e criticar a prática docente, torna-se um instrumento facilitador da reflexão.

O construtivismo pressupõe uma prática dialética, transformadora, não estanque. Diante disto, podemos, então, fazer reflexões acerca das situações que dificultam o andamento da observação em sala de aula.

Muitos professores os quais tivemos a oportunidade de acompanhar, por não compreenderem adequadamente o papel de quem observa, têm resistência ao observador e à sua prática, dificultando e, às vezes, impossibilitando uma construção solidária e participativa da práxis pedagógica. Além dos professores, existe também a resistência dos alunos, que, não acostumados com a concepção

construtivista, rejeitam o papel do observador. Na maioria das vezes, professores e alunos não compreendem este trabalho e, desta forma, faz-se necessário que o sistematizador, consciente do seu papel, busque uma maneira de conquistá-los com firmeza e paciência. Da mesma maneira, o professor que se diz construtivista não deve desistir do seu papel por resistência do aluno (não apenas do aluno, como de todo um sistema político-ideológico dominante, representado por coordenadores e colegas professores). O monitor que sistematiza deve persistir na sua proposta; isto porque o construtivismo é uma postura não somente pedagógica, mas, sobretudo, política e passa, inevitavelmente, pela concepção de mundo.

Não acreditamos ser possível um professor construtivista, se em outros espaços sociais em que atua não tem posturas construtivistas. Não se trata de um modismo pedagógico, mas de uma atitude de vida.

Pensando assim, entendemos que nem o professor deve desistir dos alunos que parecem dispersos, ou arredios, nem o observador deve intimidar-se com os professores que se opõem às propostas de educação no espaço pedagógico – pois o que transita não são questões pessoais, mas conceitos cristalizados, construídos socialmente, e, se assim foram erigidos, precisam ser desconstruídos ou ressignificados também historicamente. Isto exige tolerância, preparo e sutileza daqueles que se pretendem professores-aprendizes.

#### 4. CONCLUSÃO

O nosso trabalho de sistematização nos revelou o quanto ainda estamos imaturos na compreensão do que é uma aula solidária e participativa, uma aula que privilegia a construção do saber com sabor.

Percebemos o quanto as aulas são desconectadas da realidade, enfadonhas e sonolentas. Os alunos se dispersam, porque não se identificam com o que é ensinado, e parece que os professores estão indiferentes, ou a perspectiva pedagógica não está evidente para os mesmos, ou, ainda, estamos todos viciados nos velhos esquemas que tantas vezes criticamos. Nesse sentido, a observação foi muito importante, tanto para os professores, quanto para nós, pois nos colocou frente a frente com as nossas contradições.

A observação do exercício da docência é um momento que nos conduz à reflexão da prática pedagógica, não para **acusar ou espionar**, mas para, juntos, ressignificá-la. Pensamos que este seja o principal objetivo das pessoas que se pretendem construtivistas.

Este relato é parte da nossa experiência vivenciada na participação com professores e educandos do *Programa de Educação e Cidadania para Jovens e Adultos*, bem como dos alunos secundaristas e docentes do Colégio Estadual da Bahia – Central.

Acreditamos que os sujeitos envolvidos neste processo devem se tornar capazes de construir e reconstruir o saber, respeitando as condições de cada um; lembrando que somos livres **não contra o mundo, mas no mundo**. Mudamos com os outros, no contato com as suas/nossas dores, sofrimentos, lutas e esperanças. Portanto, precisamos nos permitir a exposição, deixando que os outros nos digam como estamos, e também aprendermos a nos expor para nós mesmos, quando precisarmos retornar aos registros e às sensações da aula, e, como um expectador de nós mesmos, reconstruí-las. Pensamos ser este um dos caminhos possíveis para a construção de um espaço verdadeiramente dialógico.

Queremos marcar que, embora este trabalho tenha pontuado a nossa experiência como monitoras observadoras, o principal objetivo foi o de chamar a atenção para a importância da sistematização das aulas pelos próprios professores regentes. Sem esse movimento do fazer e do pensar sobre o fazer, dificilmente conseguiremos avançar na crítica da nossa práxis, por que é na decisão de revê-la, repensá-la que correremos o risco da exposição e conseqüentemente da mudança. Por outro lado, entendemos que pensar a prática é, também, estar próximo da sensação vivida, porque isto nos

levará a reviver situações desconfortáveis e confortáveis, com o propósito de compreender estas situações. Por trás de todos estes questionamentos se situa a base de tudo, que é a nossa concepção político-pedagógica, e do que pretendemos com educação.

Os professores que registram as suas aulas e a elas retornam estão se disponibilizando para o diálogo, consigo mesmo e com os alunos. É como se se distanciassem das suas casas, subissem em seus muros e enxergassem aquele espaço de uma outra perspectiva, e, quando voltarem, jamais serão os mesmos, nem as suas casas. Para tanto, tomamos emprestadas as palavras de Freire (FREIRE, 2000, p. 18).

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por si saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

## 5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **A didática e as contradições da prática**. São Paulo: Papirus, 1998.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.